

## RETRATOS DA AUSÊNCIA: ENSAIO SOBRE SENTIMENTOS NO *CAMPUS* DA UFCA EM JUAZEIRO DO NORTE

Ives Romero Tavares do Nascimento<sup>1</sup>

Cinthia Lima dos Santos<sup>2</sup>

Mairla Santos Alencar<sup>3</sup>

### RESUMO

Este ensaio objetiva oportunizar a reflexão e a meditação acerca do sentimento de ausência provocado pela emergência sanitária de Covid-19, que distanciou a comunidade acadêmica da UFCA do convívio com o *campus* desta instituição. Para tanto, utiliza a observação direta e o recurso da fotografia como elementos metodológicos, de modo que a contemplação das imagens capturadas possa transmitir ao leitor as sensações vividas pela autoria do ensaio. Fruto de um projeto de pesquisa que tem a criação das novíssimas universidades federais brasileiras como objeto, este trabalho munuiu-se de uma câmera fotográfica Canon PowerShot® SX400 IS, lentes 4.3-129.0mm para registrar as ausências sentidas em lugares onde em outro momento haveria constante interação humana. Sem o propósito de esgotar a compreensão acerca das imagens dispostas, este ensaio conduz à reflexão sobre como a universidade é uma instituição importante à vida das pessoas, para além da formação para o mundo do trabalho.

**Palavras-Chave:** Fotografia; ausência; Covid-19; novíssimas universidades federais.

<sup>1</sup> Doutor em Administração Pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri (CCSA/UFCA). Pesquisador do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e à Inovação Tecnológica (BPI/Funcap/CE).

<sup>2</sup> Graduanda em Administração Pública e Gestão Social pela da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Membro do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS).

<sup>3</sup> Graduanda em Administração Pública e Gestão Social pela da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Membro do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS). Bolsista de Iniciação Científica pelo Programa de Iniciação Científica (PIBIC) da UFCA.

Agradecimentos à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPI) da Universidade Federal do Cariri (UFCA), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap).

## FOTOGRAFÍAS DE LA AUSENCIA: ENSAYO SOBRE LOS SENTIMIENTOS EN EL CAMPUS DE LA UFCA EN JUAZEIRO DO NORTE

### RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo brindar una reflexión y meditación sobre el sentimiento de ausencia que provocó la emergencia sanitaria en Covid-19, que alejó a la comunidad académica de la UFCA de convivir con el campus de esta institución. Para ello, utiliza la observación directa y el recurso de la fotografía como elementos metodológicos, para que la contemplación de las imágenes captadas pueda transmitir al lector las sensaciones vividas por el autor del ensayo. Como resultado de un proyecto de investigación que tiene como objeto la creación de las flamantes universidades federales brasileñas, este trabajo fue equipado con una cámara Canon PowerShot® SX400 IS, lentes de 4.3-129.0mm para registrar las ausencias sentidas en lugares donde habría Será otro momento constante la interacción humana. Sin el propósito de agotar la comprensión de las imágenes exhibidas, este ensayo brinda la oportunidad de reflexionar sobre cómo la universidad es una institución importante en la vida de las personas, además de significar solo el espacio de formación para el mundo laboral.

**Palabras clave:** Fotografía; ausencia; COVID-19; nuevas universidades federales.

## PICTURES OF ABSENCE: ESSAY ABOUT FEELINGS AT UFCA CAMPUS IN JUAZEIRO DO NORTE

### ABSTRACT

This essay aims to provide opportunities for reflection and meditation about the feeling of absence caused by the health emergency of Covid-19, which distanced the UFCA academic community from its life on campus. To this purpose, it uses direct observation and photography as methodological elements, so that the contemplation of the captured images can transmit to the reader the sensations experienced by the authors of the essay. As a result of a research project that has the creation of the brand-new Brazilian federal universities as an object, this work was equipped with a Canon PowerShot® SX400 IS camera, 4.3-129.0mm lenses to record the absences felt in places where there would be constant human interaction. Without the intention of to exhaust the understanding of the images displayed, this essay leads to an opportunity to reflect on how the university is an important institution in people's lives, further than the meaning of professional qualification for the world of work.

**Keywords:** Photography; absence; Covid-19; brand-new federal universities.

### NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este ensaio apresenta resultados oriundos de uma pesquisa em curso que tem como objetivo analisar a criação das quatro “novíssimas” universidades federais brasileiras – a Universidade Federal do Cariri (UFCA), a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), a Universidade Federal do Oeste da

Bahia (UFOB) e a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) – a partir da dimensão político-institucional do desenvolvimento territorial. A expansão do ensino superior público, exemplificada por estas quatro instituições, é admitida como estratégia de desenvolvimento capitaneada pelo Governo Federal brasileiro, entre 2003 e 2014, para os territórios do país.

Desde o início da investigação sobre as novíssimas universidades federais brasileiras, dado em 2019, algumas contribuições têm sido oportunizadas de modo tangente ao objeto principal da investigação, apoiadas por produções ensaísticas. Isso ilustra o potencial do objeto analisado em instigar a reflexão sobre outros aspectos que envolveram a criação e a estruturação dessas mesmas instituições. É o caso deste trabalho, que aproveita o atual momento de emergência sanitária do vírus Sars-CoV-2, causador da Covid-19, que impôs novas diretrizes à pesquisa científica a todo o mundo, em termos de debate, importância e lugar na sociedade, para refletir sobre as ausências sentidas sobre a vida nos espaços universitários, em especial o da UFCA.

Não somente a pesquisa e a ciência, mas a universidade brasileira – notadamente a pública – tem sido posta como o cerne da discussão entre aqueles que a defendem e quem a questiona. A desconfiança sobre seu alcance social, sua confiabilidade secular e integração aos territórios onde estão inseridas é presente no seio das críticas direcionadas às instituições universitárias do Brasil. Mesmo o grupo das novíssimas universidades federais, do qual a UFCA faz parte, que possui o diferencial de conter instituições pautadas pela questão regional (potencialidades e necessidades dos locais onde estão instaladas), é inquirido a dizer: qual a sua importância, afinal?

Muitas poderiam ser as causas apontadas para este dilema, mas parece adequado admitir as palavras de Tenório (2020) quando informa haver, neste momento, um problema de ampla escala inerente à chamada questão social. Para o autor, este termo faz menção a todo problema, contenda, coisa a ser resolvida que tem pertinência à esfera pública, ou seja, que interessa à sociedade. Como tradicionalmente a questão social era eminentemente associada à necessidade de se resolver problemas ligados à economia, com a emergência sanitária de Covid-19 a ela dá-se um acréscimo:

A questão social como tema de preocupação e estudo surge historicamente no século XIX, à luz das péssimas condições de trabalho originadas pela questão econômica. Desde então, a questão social deixa de ser um debate sobre as condições de trabalho para envolver outros temas, como educação, saúde, transporte, moradia, saneamento básico, segurança, lazer, cultura e segurança alimentar, assim como discussões sobre desigualdade de classe, gênero, raça/etnia, entre outros temas que afetem o bem-estar geral das populações menos favorecidas (TENÓRIO, 2020, p. 106).

É nesse bojo que Giannella (2020) fundamenta seus argumentos de que as questões sociais referidas por Tenório (2020), nas quais os acréscimos mais causam problemas, possuem fundamento na necessidade (ou ausência) de definição do que seria o comum. Este, por sua vez, tem alusão a tudo aquilo que é circunscrito pela esfera do que a sociedade acredita ser valorado (daí decorre o conceito de um “bem”) como tudo aquilo que beneficia a coletividade. Nesse sentido, o comum envolve tanto aquilo que é passível de atribuição de valor social, como os recursos naturais, quanto, nas palavras de Savazoni (2018), ilustra processos de produção coletiva com vistas ao bem comum:

A ideia de que não há comum sem o processo de produzi-lo (...) também merece nossa atenção. Porque ela reforça que o comum é um caminho, em constante movimento. Na abordagem que me agrada, o comum é uma soma constituída pelos bens elementares, essenciais, como o ar, a luz, os oceanos, a alimentação, os corpos, o patrimônio ambiental, mais aquilo que criamos em nosso próprio benefício, como a arte, os softwares livres, a internet, os espaços públicos das cidades, mais a gestão comunitária desses bens entre pares que se autogovernam (SAVAZONI, 2018, s.p.).

Assim, as disfunções da questão social acrescida aludida por Tenório (2020) poderiam ser mitigadas caso fosse oportunizada a aglutinação entre os bens tangíveis pertencentes ao mundo natural e tudo aquilo que pertence à criação antrópica, de modo a se recriar a noção do comum (SAVAZONI, 2018; GIANNELLA, 2020). Dessa maneira, a humanidade teria a chance de repensar a gestão do comum e da esfera pública, de modo a oportunizar um novo pacto social em prol de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária (TENÓRIO; ARAÚJO, 2020).

Em termos mais concretos, tal recurso desembocaria numa necessidade pragmática de se identificar formatos de ação pública e social para o estabelecimento de espaços onde a noção de comum suscitaria a reflexão e a ação em prol de um novo modelo de sociedade. Para atender a esse pleito, Almeida-Filho e Souza (2020) têm uma resposta: a ação protópica das universidades. Por definição, para estes dois autores, protopia (pro + topia) seria um conceito que se refere à ação direcionada (do grego *pro*) à construção de um lugar, de uma realidade (do grego *topos*) que se quer ter ou chegar. No caso, as universidades são iniciativas humanas protópicas, por excelência, pelo fato de conterem em si a oportunidade de formação técnico-cidadã não só para o mundo do trabalho, mas para a construção de uma sociedade integradora e justa.

Portanto, assumir a protopia como princípio fundante foi a força-motriz de criação das novíssimas universidades federais brasileiras. O signo de constituição dessas instituições foi a educação regionalizada, condição a elas dada pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – o Reuni. Esta política pública, por sua vez, vigorou até o ano de

2014 e foi responsável pela expansão e interiorização de vagas públicas de educação superior no Brasil, de modo que as oportunidades de acesso à formação profissional fossem distribuídas pelo território nacional. Isso serviu para reduzir as assimetrias regionais (GUMIERO, 2019), viabilizar políticas de justiça e inclusão social (NASCIMENTO, 2018) e desfragilizar segmentos sociais historicamente marginalizados (ANDRIOLA; SULIANO, 2015) com a presença de universidades públicas e federais em territórios com projeção regional em termos de população, economia, cultura, política e meio ambiente, como foi o caso do Cariri cearense, receptáculo da UFCA.

Em complemento, cumpre dizer que decorre do princípio da educação regionalizada a necessidade de se estabelecer constructos pedagógicos a partir das necessidades e potencialidades de cada ambiente onde determinado percurso formativo esteja sendo viabilizado. Dessa maneira, aludir-se-ia, no caso das novíssimas universidades federais, à chance de se justificar e dar sentido aos conteúdos direcionados ao público formando, de modo que este consiga entender os fundamentos do aprendizado humano contrastado com suas experiências sociais e individuais (BAPTISTA; CAMPOS, 2013). Em outras palavras, regionalizar a educação é fazê-la ter sentido e lugar no corpo que compõe o território de cada indivíduo, perfazendo o comum. Com essa forma, a UFCA é “do Cariri” não em virtude apenas de nele estar situada, mas em razão de observar a questão regional para a definição de seu desenho institucional, pedagógico e administrativo, de maneira a interligar-se sobremaneira ao lugar onde atua.

Todavia, neste momento pandêmico e sanitariamente emergencial, as instituições universitárias brasileiras também foram instadas a observar o distanciamento social, as medidas de segurança biossanitária e as condições garantidoras da saúde e da manutenção da vida. Para isso, foi preciso virtualizar as atividades acadêmico-administrativas e realizá-las, ao máximo, nos ambientes remotos. Dessa maneira, os *campi* das universidades de todo o Brasil permanecem esvaziados, o que provocou, para a comunidade acadêmica dessas instituições, um sentimento de ausência.

Portanto, o objetivo deste ensaio é contribuir com a reflexão acerca do sentimento de ausência provocado pelas medidas de isolamento social face à emergência sanitária de Covid-19 em todo o mundo, a partir da meditação e da contemplação de fotografias capturadas no *campus* da UFCA em Juazeiro do Norte.

## ENSAIANDO SOBRE AUSÊNCIAS

É parte do cânone da produção literário-científica a escrita de ensaios. Por meio destes pesquisadores e estudiosos têm a oportunidade de discorrer acerca de um tema que lhes é próximo. Isso ocorre de modo desimpedido, do ponto de vista da estrutura comum aos artigos científicos, por exemplo, mas que não se furta ao rigor metodológico e à adoção de preceitos éticos em sua composição. São o recurso que permite a livre contemplação de um objeto sob análise, de modo a autorizar o escrutínio e outros estilos literários não permitidos pelos formatos mais tradicionais de comunicação científica.

Estes termos se aproximam das contribuições de Meneghetti (2009), que menciona ser o ensaísta (quem produz um ensaio, portanto, quem ensaia) aquele indivíduo que se desprende das amarras metodológicas da ciência usual com fins de experimentar novas produções ao estabelecer novas conexões entre o tradicional e o novo com forte emprego da originalidade. Com estas conexões, por conseguinte, o ensaísta aproxima-se sempre de uma verdade interpretativa quase absoluta, muito típica do saber científico<sup>4</sup>.

Diante dessa maleabilidade científico-metodológica Lara e Vizeu (2019) se posicionam, aludindo a escrita de um ensaio ao trabalho de um artista plástico. A riqueza metafórica da contribuição destes dois autores está na indicação de que tal como uma arte plástica, os efeitos da obra nunca estão na peça acabada, mas sim nos efeitos sensoriais que ela provoca ao público expectador. “Mais do que a representação final do objeto, o que toca a comunidade é a possibilidade de construí-lo sob diferentes perspectivas, é a ambiguidade dos traços cuja interpretação nunca esgota” (LARA; VIZEU, 2019, p. 11).

A fotografia tem esse poder de sensibilização e de conectar quem vê com o que se vê. Sá-Carvalho e Lisovsky (2008), sob esse argumento, apresentam as imagens fotográficas como um recurso capaz de “tornar visíveis para a ‘opinião pública’ sofrimentos até então

---

<sup>4</sup> O conhecimento científico difere-se dos outros tipos de conhecimento também pelo tipo de verdade a qual persegue. Enquanto neste a verdade sempre será aproximadamente real e nunca absoluta, aproxima-se do mundo, mas permite que seu conhecimento próprio seja constantemente aprimorado.

distantes do olhar — indígenas em terras longínquas, trabalhadores no interior das fábricas, moradores de cortiços e imigrantes no campo”, por exemplo, para dizer que “a fotografia, no fim do século XIX e início do século XX, foi largamente responsável por incluí-los [os sofrimentos] no imaginário social” (grifo nosso) (SÁ-CARVALHO; LISSOVSKY, 2008, p. 78). Esse pertencimento que a fotografia tenta apresentar acaba, por fim, potencialmente se deslocando do que é local para o que é global, revelando a pertinência “do pensar global e agir local para contribuir no processo de transformação social” (SILVEIRA; ALVES, 2008, p. 144).

É este um dos intuitos deste ensaio: trazer à tona os sentimentos de ausência que a emergência sanitária de Covid-19 trouxe à comunidade acadêmica da UFCA quando se vê o *campus* de Juazeiro do Norte vazio. Em outras palavras: pretende-se dizer, neste momento, o que é ausência a partir da contemplação e da meditação das imagens que ilustram este trabalho. É esta, portanto, a obra plástica (LARA; VIZEU, 2019) que é apresentada.

## O PERCURSO METODOLÓGICO

Utilizar a fotografia como recurso metodológico não é uma atividade inovadora, pelo menos no que diz respeito à sua utilização na construção de conhecimento em alguns campos do conhecimento. O ato de fotografar é comum na Comunicação Social e Jornalismo, por exemplo, que compõem o grupo das Ciências Sociais Aplicadas; e na Medicina e na Biologia<sup>5</sup>, representantes das Ciências da Saúde. Já nos campos da Administração e da Administração Pública, espaços por onde a pesquisa-base que originou este ensaio orbita, outros recursos audiovisuais são recentes, porém estimulados.

A fotografia é uma arte sedutora. Tal como a literatura, que tem condições de ser apropriada às técnicas de ensino-aprendizagem em Administração (FISCHER *et al*, 2007), por exemplo, “quando o sujeito captura uma imagem, esta, por sua vez, ressoa de algum modo nesse indivíduo” (SILVEIRA; ALVES, 2008, p. 142). E esse sentimento é passível de ser transposto a quem enxerga tal imagem, pois “se a fotografia mostra, é porque é verdade” (CARDOSO, 2018, p. 120). Portanto, o cerne da motivação em utilizar fotografias sobre

<sup>5</sup> Pode-se citar o exemplo da utilização das fotografias biomoleculares e de seres microscópicos.



ausências é dar ao leitor deste ensaio a chance de sentir os mesmos sentimentos de quando as imagens foram capturadas. Analisar a criação das novíssimas universidades federais do Brasil – das quais a UFCA faz parte – também perpassa pelo movimento de sentir as ausências que ela provoca em sua comunidade acadêmica.

O percurso metodológico deste ensaio está ancorado na coleta de dados por meio da observação direta, realizada a partir de registros fotográficos feitos no *campus* da UFCA localizado em Juazeiro do Norte. Conforme discorrem Ludke e André (1986), este tipo de método de coleta de dados e, por conseguinte, de investigação, oportuniza ao observador utilizar-se dos seus conhecimentos pessoais para interpretar uma realidade específica. Nesse sentido, para além de observar, fotografar, há a aproximação do pesquisador junto ao meio – a universidade, como mote para compreensão da ausência nos espaços universitários decorrente do contexto pandêmico vivenciado no mundo.

A utilização de registros fotográficos para captação de fenômenos sociais, tem rigor metodológico, principalmente no campo das Ciências Sociais e Humanas. Nessa esteira,

A ciência produz imagens sob diferentes formatos que a auxiliam na tarefa de conhecer e refletir o mundo, ultrapassando as áreas artísticas e chegando ao campo das humanidades, da saúde e da tecnologia. Por consequência lógica, estas imagens podem ser moldadas pelo olhar da ciência para forjar a normatização de um discurso em seu benefício. Ou seja, o olhar, as tecnologias de observação e registro visual estão historicamente circunscritos. Dependendo do contexto social, a forma como um indivíduo observa o mundo pode contribuir para um determinismo civilizacional (Sauvageot, 1994), onde as imagens podem servir como provas culturais e sociais de um povo ou momento histórico (SOUZA, 2013, p. 23).

As imagens que ilustram este ensaio foram capturadas no dia 26 de fevereiro de 2021 no turno vespertino, num dia chuvoso em Juazeiro do Norte. O equipamento utilizado foi uma câmera fotográfica Canon PowerShot® SX400 IS, lentes 4.3-129.0mm.

## **AS AUSÊNCIAS CAPTURADAS**

Difícil é a tarefa de se capturar um sentimento pelas lentes de uma câmera fotográfica. Isso se dá pelo fato de uma sensação, tão etérea quanto complexa, não conseguir ser eternizada em sua plenitude pelo recurso fotográfico. Entretanto, esforço é feito para



viabilizar a meditação ao se dispor 10 fotografias do *campus* da UFCA em Juazeiro do Norte, agrupadas em 06 Figuras, que retratam as ausências sentidas e observadas em espaços que antes estariam ocupados pela comunidade acadêmica da instituição.

De modo intencional, as fotografias são apresentadas antes dos comentários a cada uma delas tecidos, pois pretende-se permitir ao leitor que sinta as suas emoções em primeiro lugar. Não se quer, dessa maneira, esgotar as possibilidades sensoriais e interpretativas, mas alude-se às pistas reflexivas que cada conjunto de imagens pode proporcionar.

**Figura 1:** Mirando a ausência no mirante do *campus*



**Fonte:** acervo da autoria, 2021.

A primeira Figura (1) apresenta uma fotografia do mirante do *campus* da UFCA em Juazeiro do Norte. Era comum, no dia a dia deste espaço, que a comunidade acadêmica da instituição se reunisse para conversar. As interações, antes presenciais, foram substituídas pelas memórias que a contemplação deste espaço consegue traduzir.

Curioso é o fato de que não somente os bancos estão “cheios” de ausências. Antes do isolamento social imposto pela emergência sanitária de Covid-19, era usual as pessoas

ficarem frente a frente no alambrado do mirante, geralmente nos fins de tarde, para contemplar a vista da cidade, e fotografá-la.

Cabe informar ao leitor-contemplador que no dia em que a imagem foi capturada havia muitas flores espalhadas pelo chão. Tal detalhe, quase não visível na fotografia, faz imaginar que, na ausência das pessoas, a natureza, mesmo morta, ocupa esses espaços. Portanto, sob o ângulo de visão da Figura 1, propõe-se que a primeira ausência a ser sentida seja a da interação, no sentido de que o espaço e o bem público são permeados pela presença e atuação de toda a sociedade (TENÓRIO; ARAÚJO, 2020).

**Figura 2:** A convivência da ausência I



**Fonte:** acervo da autoria, 2021.

A necessidade do isolamento e do distanciamento social provocada pelo novo coronavírus, causador de Covid-19 ressignificou os espaços de convivência e trouxe reflexões sobre as incertezas após esse período. Não se é mais autorizado, a bem da segurança sanitária e das medidas de proteção sanitária, promover momentos em que as pessoas consigam se aproximar e interagir. Momentos como este têm ficado na memória coletiva recente.

O *campus* da UFCA em Juazeiro do Norte foi construído para ser um lugar que naturalmente serviriam para reunir as pessoas, como é possível ver (e lembrar) a partir da Figura 2 acima. Da perspectiva de quem olha de baixo para cima da imagem, a vista alcança progressivamente um saguão que se inicia a partir de um conjunto de bancos dispostos de modo a viabilizar a interação, e que vai sendo aberto rumo a um espaço cada vez mais vazio. O que preenche são as ausências de gente: os bancos vazios, as flores e a água pluvial no piso dão indícios que a presença humana tem estado rarefeita neste enquadramento que a Figura 2 situa.

**Figura 3:** A convivência da ausência II



**Fonte:** acervo da autoria, 2021.



Neste momento, convida-se o leitor a “passear” por outros espaços da universidade, mantendo a visão de bancos vazios como uma constante, conforme apresenta a Figura 3. Tão sertaneja quanto sua comunidade acadêmica, a UFCA cria uma aura de alegria e bons auspícios quando se veste de verde e de céu nublado nos primeiros meses do ano, sob a ação renovadora das primeiras chuvas da estação chuvosa do Ceará. Atualmente, esses cenários foram modificados e os locais que eram vistos lotados, alegres e com sons de risos e diálogos tão característicos, atualmente são preenchidos pela solidão e pelo silêncio.

Ao observar com cuidado os dois quadrantes da Figura 3, pode-se perceber que a ausência metaforicamente convive nestes ambientes outrora preenchidos de interação humana. As instalações do primeiro quadrante, em especial, têm sido ocupadas por alunos que dela se utilizam para interagir durante as refeições, como também para a feitura de trabalhos em grupo e a diversão com jogos de tabuleiro, nos espaços entre as aulas. Mas o que se vê é o conjunto de ausências de discentes, em especial, que não mais se fazem presentes naqueles espaços.

Dando continuidade à jornada de se retratar as ausências sentidas no/pelo *campus*-sede da UFCA, não só as pessoas são o alvo da saudade. A Figura 4, presente na página a seguir, ilustra duas situações não recorrentes do cotidiano da universidade: seus estacionamentos de veículos automotores e de bicicletas vazios. Portanto, as “paragens” ausentes acabam por apresentar uma situação que não seria vista em um dia comum: muitas vagas disponíveis para os meios de transporte.

Nos estacionamentos do *campus* da UFCA em Juazeiro do Norte o usual seria perceber interações menos informais no sentido de buscar-se uma das rarefeitas vagas para deixar veículos. Um observador mais atento perceberia, em dias comuns, que as pessoas conviviam nos estacionamentos da universidade quando aguardavam um lugar para deixar seu transporte – carro ou motocicleta – e que isso conformava o “antigo normal”. O hoje, ilustrado pelas fotografias, é um amplo vazio, uma constante ausência.

Em atenção singular ao segundo quadrante da Figura 4 percebe-se que há apenas uma bicicleta ali estacionada. Esta constatação parece entoar o grau de solidão que se sente nestes tempos de distanciamento social. É factível pensar que o desejo das pessoas, no geral e neste momento, é de ali estar e se fazerem presentes também no bicicletário da universidade. Há a sensação, que chega, de que se sente ausência de tudo: do convívio e da coletividade.

**Figura 4:** Paragens ausentes



Fonte: acervo da autoria, 2021.

A quinta composição visual deste ensaio apresentada na Figura 5 tem um duplo efeito. Mostra como as ausências humanas foram suplantadas pela presença das mascotes da universidade: os “moradores” caninos. Homenageados por turmas concludentes da instituição, os cães que convivem com alunos, professores e técnicos da UFCA são os únicos viventes que conseguiram ser fotografados nas instalações do *campus*.

Sua presença parece, numa segunda possibilidade interpretativa, lembrar que os seres humanos fazem falta. Ao se observar o quadrante superior da Figura 5, vê-se que um cão ocupa sozinho um espaço onde haveria transeuntes, indo e vindo pelo *hall* de entrada da UFCA em Juazeiro do Norte. Os animais que residem no *campus* também têm enfrentado esses desafios durante o período de pandemia, visto que eram acostumados a conviver com a comunidade acadêmica da instituição. A ausência da presença humana é consequência da mudança drástica na/da rotina universitária.

Já nos dois quadrantes inferiores, por fim, o semblante dos dois animais provoca a sensação de que aguardam a volta da comunidade acadêmica que lhes faz falta. Ou seja, lhes enseja ausência.

**Figura 5:** Ausência humana, permanência canina



**Fonte:** acervo da autoria, 2021.



**Figura 6:** Realidade estampada



**Fonte:** acervo da autoria, 2021.

Os panfletos informativos ganharam grande importância e destaque na luta contra a disseminação do novo coronavírus, fazendo com que essa realidade estampada seja uma tentativa clara e atrativa na busca de democratizar o acesso a formas de prevenção. Portanto, o intuito desta última imagem, a Figura 6, é apresentar a fotografia de uma nova recorrência na vida das pessoas: os lembretes de que é (sempre) preciso rememorar as recomendações de segurança sanitária.

A derradeira provocação que este ensaio quer dar ao leitor é esta: se estamos rodeados de informação e de recomendações, estaríamos integralmente cientes de que dispomos dos meios corretos para nos proteger? Teríamos, portanto, todas as condições de seguir as regras de distanciamento e atitudes sanitárias para dar cabo ao distanciamento tão provocador das ausências que nos afligem?

Quando poderemos, afinal, voltarmos a ocupar o *campus* da UFCA em Juazeiro do Norte, lugar criado para a pujança da vida, enquanto se promovem espaços de formação para o trabalho e para o mundo em sua completude?

Por hora, só as ausências permanecem.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sente-se ausência de tudo: das pessoas, do convívio social e da vida que se levava até o início do ano de 2020, quando se instalou em todo o mundo a pandemia do vírus Sars-CoV-2, causador da Covid-19. Desde então, ausência é o nome do sentimento que se mais tem sido declarado como recorrente em todo o mundo.

A proposta deste ensaio foge à tradicional feitura de produtos literários decorrentes de projetos de pesquisa científica, de modo a tangenciar reflexões que são inerentes ao atual debate sobre o espaço que a instituição universitária ocupa na vida das pessoas. Não valora nem julga as relações que os indivíduos constroem acerca dos espaços formativos que se relacionam, mas apresenta o elo sentimental que une toda a comunidade acadêmica neste início de ano: a saudade de um tempo em que se convivia nas instalações do *campus* da UFCA em Juazeiro do Norte.

As provocações que este ensaio pretende fazer dão cabo das possibilidades de se comungar as sensações da autoria desta peça com os sentimentos do leitor, de modo a instar os sentimentos que somente a fotografia pode oportunizar: a transmutação de uma mirada a um determinado ponto, capturado pelas lentes de um equipamento fotográfico, tal como fizeram Lima e Oliveira (2020) e Silva e Saraiva (2019) em suas contribuições visuais.

Como final contribuição, espera-se que este ensaio seja aprendido. Que a permanência das ausências que se sente hoje, ilustradas pelo vazio do *campus* da UFCA em Juazeiro do Norte, sejam objeto de tudo que num futuro possamos saber lidar melhor. Expecta-se que as fotografias transcendam este momento que se aguarda efemeridade, e que permaneça na memória de um passado que não se quer mais viver.

Em razão disso, este ensaio é finalizado com as palavras de Santos e Oliveira (2017), quando afirmam: “o quadro fotográfico funciona como embalsamento do passado que se atualiza no presente e é preservado para o futuro, capaz de resguardar figuras do mundo e, dessa maneira, tornar-se artefato contra o esquecimento” (SANTOS; OLIVEIRA, 2017, p. 256).

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA-FILHO, Naomar; SOUZA, Luis Eugenio de. Uma Protopia para a Universidade Brasileira. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 28, n. 105, julho de 2020. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/ojs/article/view/5525/2473> Acesso em: 15 nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.14507/epaa.28.5525>
- ANDRIOLA, Wagner Bandeira; SULIANO, Daniele Cirilo. Avaliação dos impactos sociais oriundos da interiorização da Universidade Federal do Ceará (UFC). **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 96, n. 243, p. 282-298, ago. 2015. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-66812015000200282&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000200282&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 18 dez. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/339512841>.
- BAPTISTA, N. Q.; CAMPOS, C. H. Educação contextualizada para a convivência com o semiárido. In: CONTI, I. C.; SCHROEDER, E. O. (Orgs.), **Convivência com o Semiárido Brasileiro: autonomia e protagonismo social**. 232 p. 99-112. Brasília/DF: Editora IABS, 2013.
- CARDOSO, F. L. Fotojornalismo: o real e o verosímil. **Discursos Fotográficos**, v.14, n.24, p.118-139, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/30807/pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- FISCHER, T. *et al.* Razão e sensibilidade no ensino de administração: a literatura como recurso estético. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 5, p. 935 a 958, jan. 2007. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6613/5197>. Acesso em: 22 maio 2020.
- GIANNELLA, Valéria. O comum e a gestão social do pós-pandemia. **Revista NAU Social**, v.11, n.20, p. 91 - 99, maio/out 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/36549/21015> Acesso em: 27 fev. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/ns.v11i20.36549>
- GUMIERO, Rafael Gonçalves. Avaliação da Expansão do REUNI UFGD no Mato Grosso do Sul. **Interações**, v. 20, n. 4, out./dez. 2019. Disponível em:

<https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/2028>. Acesso em: 19 dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20435/inter.v20i4.2028>

LARA, L. G. A. de; VIZEU, F. (Re)Pensando o “ensaio como forma” no campo de estudos organizacionais. **Anais do XLIII Encontro da ANPAD (EnANPAD)**. 2019.

LIMA, Ana Flávia Martins de; OLIVEIRA, Cíntia Rodrigues de. Imagens do necrocapitalismo no Brasil: a indústria mineradora de nióbio. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 7, n. 2, p. 461-477, Maio-Agosto/2020. Disponível em: <https://rbeo.emnuvens.com.br/rbeo/article/view/387/pdf>. Aceso em: 01 maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2020.v7n2.387>

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MENEGHETTI, F. K. O que é um Ensaio-Teórico? **Anais do II Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**. 2009.

NASCIMENTO, I. R. T. **A expansão da educação superior como estratégia de desenvolvimento territorial: O caso da Universidade Federal do Cariri**. Tese (Doutorado em Administração). Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Brasil. 2018.

SÁ-CARVALHO, Carolina; LISSOVSKY, Mauricio. Fotografia e representação do sofrimento. **Revista Galáxia**, n. 15, p. 77-90, jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1496/968>. Acesso em: 27 fev. 21.

SANTOS, Ana Carolina Lima; OLIVEIRA, Michel de. Entre o afetivo e o político: o ensaio ausências, de Gustavo Germano, como reconfigurador das memórias da ditadura. **Conexão – Comunicação e Cultura**, v. 16, n. 31, jan./jun. 2017, p. 255-274. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/4393/3040> Acesso em: 27 fev. 2021. DOI: 10.18226/21782687.v16.n31.12

SAVAZONI, Rodrigo. Introduzindo o conceito. In: SILVEIRA, Sergio Amadeu da (org.). **O comum entre nós: da cultura digital à democracia do século XXI**. São Paulo: Edições SESC, 2018. *E-book*.

SILVA, Clara Luisa; SARAIVA, Luiz Alex. Tudo tem um preço? A comercialização da experiência de aprisionamento. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 6, n. 1, p. 328-347, abr/2019. Disponível em: [https://rbeo.emnuvens.com.br/rbeo/article/view/222/pdf\\_1](https://rbeo.emnuvens.com.br/rbeo/article/view/222/pdf_1). Acesso em: 01 maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.21583/2447-4851.rbeo.2019.v6n1.222>

SILVEIRA, Larissa Souza da; ALVES, Josineide Vieira. O Uso da Fotografia na Educação Ambiental: Tecendo Considerações. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 3, n. 2, pp. 125-

146, 2008. Disponível em:  
<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/6172/4527>. Acesso em: 27 fev. 21. DOI: <https://doi.org/10.18675/2177-580X.vol3.n2.p125-146>

SOUZA, Daniel Rodrigo Meirinho de. **A fotografia participativa como ferramenta de reflexão identitária**: estudo de caso com jovens em contextos de exclusão social no Brasil e em Portugal. 2013. 393 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/10955>. Acesso em: 27 fev. 2021.

TENÓRIO, F. G. A Questão Social Acrescida. **Revista NAU Social**, v.11, n.20, p. 105 – 109, maio/out. 2020. Disponível em:  
<https://cienciasmedicasbiologicas.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/36634/21025>  
Acesso em: 27 fev. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/ns.v11i20.36634>

TENÓRIO, F. G.; ARAÚJO, E. T. Mais uma vez o conceito de gestão social. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, n. 4, p. 891-905, 21 dez. 2020. Disponível em:  
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/82697/78710>.  
Acesso em: 22 dez. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395120200105>.